

## FICHA TÉCNICA

Título original: *A Column of Fire*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 2017 by Ken Follett

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*

Revisão: *Diogo Maria Pessoa e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Design da capa: *Daren Cook*

Capa: *A. Sena*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2017

Depósito legal n.º 429 499/17

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## ÍNDICE

PERSONAGENS PRINCIPAIS .....	13
PARTE UM — 1558.....	19
PARTE DOIS — 1559 a 1563 .....	221
PARTE TRÊS — 1566 a 1573 .....	385
PARTE QUATRO — 1583 a 1589.....	551
PARTE CINCO — 1602 a 1606.....	703
EPÍLOGO — 1620.....	760
AGRADECIMENTOS .....	764
QUEM É REAL? .....	765

## PERSONAGENS PRINCIPAIS

*Espero que não venha a necessitar desta lista. Nos casos em que me pareceu que o leitor pudesse ter-se esquecido de uma personagem, decidi inserir um «lembrete». No entanto, sei — por experiência própria — que, por vezes, os leitores pousam um livro por uma ou mais semanas e acabam por esquecer-se. Aqui fica a lista das personagens que aparecem mais do que uma vez...*

### Inglaterra

#### *Família Willard*

Ned Willard

Barney, seu irmão

Alice, sua mãe

Malcolm Fife, cavaleiro

Janet Fife, governanta

Eileen Fife, filha de Malcolm e de Janet

#### *Família Fitzgerald*

Margery Fitzgerald

Rollo, seu irmão

Sir Reginald, seu pai

Lady Jane, sua mãe

Naomi, criada

Irmã Joan, tia-avó de Margery

#### *Família Shiring*

Bart, visconde de Shiring

Swithin, seu pai, conde de Shiring

Sal Brendon, chefe da criadagem

*Os puritanos*

Philbert Cobley, armador  
Dan Cobley, seu filho  
Ruth Cobley, filha de Philbert  
Donal Gloster, escrivão  
Padre Jeremiah, presbítero de St. John, em Loversfield  
Viúva Pollard

*Outros*

Frade Murdo, pregador itinerante  
Susannah, condessa de Brecknock, amiga de Margery e de Ned  
Jonas Bacon, capitão do *Hawk*  
Jonathan Greenland, imediato do *Hawk*  
Stephen Lincoln, padre  
Rodney Tilbury, juiz

*Personagens históricas*

Maria Tudor, rainha de Inglaterra  
Isabel Tudor, sua meia-irmã, mais tarde rainha  
Sir William Cecil, conselheiro de Isabel  
Robert Cecil, filho de William  
William Allen, dirigente dos católicos ingleses exilados  
Sir Francis Walsingham, espião-chefe

França

*Família Palot*

Sylvie Palot  
Isabelle Palot, sua mãe  
Giles Palot, seu pai

*Outros*

Pierre Aumande  
Visconde Villeneuve, estudante, colega de Pierre  
Padre Moineau, tutor de Pierre  
Nath, criada de Pierre  
Guillaume de Genebra, pastor itinerante  
Louise, marquesa de Nîmes  
Luc Mauriac, despachante  
Aphrodite Beaulieu, filha do conde de Beaulieu  
René Duboeuf, alfaiate  
Françoise Duboeuf, sua jovem mulher

Marquês de Lagny, aristocrata protestante  
Bernard Housse, jovem cortesão  
Alison McKay, aia de Maria, rainha da Escócia

*Personagens fictícias da Casa de Guise*

Gaston Le Pin, chefe da guarda da família Guise  
Brocard e Rasteau, dois dos rufias de Gaston  
Véronique  
Odette, criada de Véronique  
Georges Biron, espião

*Personagens históricas: a Casa de Guise*

François, duque de Guise  
Henri, filho de François  
Charles, cardeal de Lorena, irmão de François

*Personagens históricas: os Bourbon e seus aliados*

António, rei de Navarra  
Henrique, filho de António  
Louis, príncipe de Condé  
Gaspard de Coligny, almirante de França

*Personagens históricas: outras*

Henrique II, rei de França  
Catarina de Medici, rainha de França  
Filhos de Henrique e de Catarina:  
Francisco II, rei de França  
Carlos IX, rei de França  
Henrique III, rei de França  
Margot, rainha de Navarra  
Maria Stuart, rainha da Escócia  
Charles de Louviers, assassino

Escócia

*Personagens históricas*

James Stuart, meio-irmão ilegítimo de Maria, rainha da Escócia  
Jaime Stuart, filho de Maria, rainha da Escócia, mais tarde rei Jaime VI da Escócia e rei Jaime I de Inglaterra

## Espanha

### *Família Cruz*

Carlos Cruz

Tia Betsy

### *Família Ruiz*

Jerónima

Pedro, seu pai

### *Outros*

Arcediago Romero

Padre Alonso, inquisidor

Capitão *Mão de Ferro* Gómez

## Países Baixos

### *Família Wolman*

Jan Wolman, primo de Edmund Willard

Imke, sua filha

### *Família Willemsen*

Albert

Betje, mulher de Albert

Drike, sua filha

Evi, irmã de Albert, viúva

Matthus, filho de Evi

## Outras nações

Ebrima Dabo, escravo mandinga

Bella, fabricante de rum na ilha de São Domingos

## PRÓLOGO

*Enforcámo-lo defronte da catedral de Kingsbridge, o sítio habitual para as execuções. No fim de contas, não deveríamos provavelmente matar um homem se não o podemos fazer frente ao rosto de Deus.*

*O xerife trouxe-o, de mãos amarradas atrás das costas, do calabouço da Casa da Guilda. Ele caminhou, muito direito, o rosto pálido desafiador e destemido.*

*A multidão vaion-o e rogou-lhe pragas. Pareceu não a ver. A mim, porém, viu-me. Trocámos um olhar e, nessa troca momentânea, havia toda uma vida.*

*Era eu o responsável pela sua morte, e ele sabia-o.*

*Havia dezenas de anos que o perseguia, o bombista que teria assassinado metade dos dirigentes do nosso país, incluindo a maioria da família real, todos num mesmo ato de selvajaria sanguinária — não o tivesse eu impedido.*

*Passei a vida no encalço de assassinos potenciais como ele, e muitos foram executados — não apenas por enforcamento, mas rasgados e esquartejados, a morte mais terrível, reservada aos piores criminosos.*

*Sim, fi-lo muitas vezes: observei a morte de homens, sabendo que fora eu quem os conduzira ao seu castigo justo mas terrível. Fi-lo pelo meu país, que me é tão caro; pela minha soberana, a quem sirvo; e por algo mais, por um princípio, a crença de que cada um de nós tem o direito a tomar as suas próprias decisões sobre Deus.*

*Ele foi o último dos muitos que mandei para o inferno, mas fez-me recordar o primeiro...*

## CAPÍTULO 1

Foi numa tempestade de neve que Ned Willard regressou a Kingsbridge.

Subiu o rio vindo do porto de Combe, na cabina de uma lenta barça carregada de tecidos de Antuérpia e de vinho de Bordéus. Quando lhe pareceu que o barco se aproximava, enfim, de Kingsbridge, enrolou o manto à francesa firmemente em redor dos ombros, puxou o capuz para cima, saiu para o convés aberto e olhou em frente.

A princípio, sentiu-se desapontado: neve era tudo quanto conseguia enxergar. Contudo, a vontade de ver a cidade era como uma dor dentro de si, e ficou a olhar fixamente por entre os flocos de neve, esperançoso. Passado algum tempo, realizou-se o seu desejo, e a tempestade começou a amainar. Apareceu uma surpreendente mancha de céu azul. Por cima das copas das árvores, avistou a torre da catedral — quatrocentos e cinco pés de altura, todos os alunos da escola de Kingsbridge o sabiam. As asas do anjo de pedra que velava pela cidade do alto do pináculo estavam orladas de neve, o que mudara as extremidades das penas de um cinzento-pomba para um branco-vivo. Enquanto a contemplava, um raio de sol momentâneo brilhou sobre a estátua como uma bênção; em seguida, a tempestade adensou-se de novo, e perdeu-a de vista.

Durante algum tempo apenas viu árvores, mas a imaginação fervilhava. Estava prestes a reunir-se com a mãe depois de uma ausência de um ano. Não lhe diria quanto ela lhe fizera falta, pois aos dezoito anos um homem devia ser independente e autónomo.

De quem sentira mais a falta, porém, fora de Margery. Com um sentido de oportunidade verdadeiramente catastrófico, apaixonara-se por ela algumas semanas antes de abandonar Kingsbridge para ir passar um ano em Calais, o porto da costa norte de França sob administração inglesa. Desde criança que conhecia e apreciava a filha traquinas e inteligente de Sir Reginald Fitzgerald. Ao crescer, o seu carácter travesso ganhara um novo encanto, e fora por isso que deu por si a fitá-la,



insistente, na igreja, de boca seca e respiração suspensa. Hesitara em fazer algo mais que admirá-la, pois era três anos mais nova que ele, mas Margery desconhecia qualquer inibição. Tinham-se beijado no cemitério de Kingsbridge, escondidos atrás do volumoso túmulo do prior Philip, o monge encarregado da construção da catedral quatrocentos anos antes. O beijo, longo e apaixonado, não tivera nada de infantil: de seguida, ela soltara uma gargalhada e fugira a correr.

Contudo, no dia seguinte, tinha-o beijado de novo. E na noite antes da sua partida para França confessaram o amor que sentiam um pelo outro.

Nas primeiras semanas trocaram cartas de amor. Não haviam contado os seus sentimentos aos pais — parecera-lhes demasiado cedo —, e assim não podiam escrever-se abertamente, mas Ned confidenciara tudo ao irmão mais velho, Barney, que se tornou intermediário. Mais tarde, Barney abandonou Kingsbridge e foi para Sevilha. Margery também tinha um irmão mais velho, Rollo, mas não confiava nele da mesma maneira que Ned confiava em Barney. E foi desta forma que a correspondência terminara.

A falta de comunicação pouca diferença fez quanto aos sentimentos de Ned. Sabia o que se dizia sobre os amores dos jovens e examinou-se constantemente, à espera de que algo mudasse em si; nada mudou. Passadas algumas semanas em Calais, a sua prima Thérèse deixou bem claro que o adorava e estava disposta a fazer fosse o que fosse para lho provar, mas Ned não se sentiu tentado. Foi com alguma surpresa que ponderou a questão, pois nunca havia desperdiçado qualquer oportunidade de beijar uma rapariga engraçada e com uns seios bonitos.

Contudo, uma outra coisa começou a perturbá-lo. Depois de rejeitar Thérèse, sentira-se confiante em que os seus sentimentos por Margery não se alterariam durante a sua ausência; mas começou a interrogar-se o que sucederia quando a visse de novo. Continuaria ela tão encantadora como lhe parecia nas suas recordações? Seria que o seu amor perduraria quando se reencontrassem?

E ela? Um ano representava muito tempo para uma jovem de catorze anos — de quinze naquele momento, claro, mas ainda assim... Talvez os sentimentos dela se tivessem desvanecido depois de as cartas terem terminado. Talvez ela já tivesse beijado alguém atrás do túmulo do prior Philip. Ned sentir-se-ia terrivelmente desiludido se ela se tivesse desinteressado. E mesmo se ainda o amasse, seria que o verdadeiro Ned ainda corresponderia às memórias sublimes que ela guardava dele?

A tempestade amainava de novo, e ele apercebeu-se de que a barcaça passava pelos arrabaldes a oeste de Kingsbridge. Em ambas as margens, viam-se as oficinas dos artífices que necessitavam de muita água: o

tingimento e o pisoamento dos tecidos, a pasta de papel e o abate de animais. Dado que todos eles eram processos que cheiravam mal, era na zona oeste que se encontravam as rendas mais baratas.

Em seguida, apareceu a ilha dos Leprosos. Era um nome antigo: havia séculos que não existia lepra na cidade. Na extremidade mais próxima da ilha erguia-se o hospital de Caris, fundado pela freira que salvara a cidade durante a peste negra. À medida que a barça se aproximava, Ned conseguiu avistar, para além do hospital, as duas curvas gêmeas graciosas da ponte de Merthin, que ligava a ilha às margens norte e sul do rio. A história de amor entre Caris e Merthin fazia parte das lendas locais e passara de geração em geração em redor das fogueiras de inverno.

A barça aproximou-se lentamente de um ancoradouro na margem cheia de gente. A cidade não parecia ter mudado muito num ano. Locais como Kingsbridge apenas mudavam lentamente, segundo Ned cria: as catedrais, as pontes e os hospitais eram construídos para perdurar.

Tinha uma sacola ao ombro, e o capitão passou-lhe o resto da bagagem: um pequeno baú de madeira, que continha roupa, duas pistolas e alguns livros. Ned içou-o e desceu até à doca.

Virou-se na direção do grande armazém de pedra à beira-rio, que era a sede do negócio da sua família, mas apenas tinha dado alguns passos quando ouviu uma voz familiar de sotaque escocês que exclamava: — Olha quem ele é, o nosso Ned! Bem-vindo a casa!

Era Janet Fife, a governanta da mãe. Ned esboçou um sorriso aberto, feliz de a ver.

— Ia agora comprar um peixe para a ceia da senhora sua mãe — explicou. Janet era tão magra que parecia um pau de vassoura, mas adorava alimentar toda a gente. — E o menino também há de comer. — Examinou-o com carinho. — O menino mudou — declarou. — Parece mais magro de cara, mas tem os ombros mais largos. A sua tia Blanche alimentou-o como deve ser?

— Ela sim, mas o tio Dick pôs-me a cavar com uma pá.

— Isso não é trabalho para uma pessoa com estudos.

— Não me importei.

Janet ergueu a voz. — Malcolm, Malcolm, olha quem aqui está!

Malcolm, o marido de Janet, era o cavaleiro da família Willard. Atravessou a doca a coxear: havia anos, ainda jovem e inexperiente, levava um coice de um cavalo. Apertou a mão de Ned afavelmente e anunciou: — O velho *Acorn* já morreu.

— Era o cavalo preferido do meu irmão. — Ned escondeu um sorriso: era mesmo típico de Malcolm dar notícias dos animais antes das dos humanos. — E a minha mãe está bem?

— A senhora sua mãe está muito bem, graças a Deus — retorquiu Malcolm. — E o senhor seu irmão também, da última vez que tivemos notícia dele; não que escreva muito, e as cartas levam um ou dois meses a chegarem aqui de Espanha. Deixe-me ajudá-lo com a bagagem, menino Ned.

Ned não queria ir para casa imediatamente. Tinha outros planos. — Levavas-me o meu baú para casa? — perguntou a Malcolm, inventando de improviso uma patranha: — Diz-lhes que fui à catedral dar graças pela boa viagem e que volto logo a seguir para casa.

— Muito bem.

Malcolm afastou-se a manquejar, e Ned prosseguiu mais demoradamente, apreciando as vistas familiares dos edifícios com que tinha crescido. Ainda nevava levemente. Os telhados cobriam-se de branco, mas as ruas estavam buliçosas, com gente e com carroças; no chão, apenas lama e neve semiderretida. Ned passou pela taberna mal-afamada White Horse, local habitual das brigas travadas aos sábados à noite, e subiu pela rua principal até à praça da catedral. Passou pelo palácio do bispo e fez uma pausa nostálgica à porta da escola. Pelas janelas estreitas e pontiagudas, avistou as prateleiras de livros alumia-das por candeias. Fora ali que aprendera a ler e a fazer contas, a saber quando lutar e quando fugir, e a ser fustigado com um feixe de varas de videeiro sem chorar.

No lado sul da catedral erguia-se o priorado. Desde que o rei Henrique VIII dissolvera os mosteiros, o priorado de Kingsbridge caíra tristemente em ruína: os telhados esburacados, as paredes oscilantes, a vegetação a crescer através das janelas. Naquele momento os edifícios eram propriedade do alcaide da altura, o pai de Margery, Sir Reginald Fitzgerald, mas ele nada tinha feito com eles.

Felizmente a catedral permanecia bem mantida e erguia-se, alta e forte como sempre, o símbolo de pedra da cidade dos vivos. Ned passou pelo grande portal oeste e entrou na nave. Agradeceria a Deus pela bênção de uma boa viagem e assim transformaria a mentira que tinha contado a Malcolm em verdade.

Como sempre, a igreja era igualmente um local de comércio e de oração: o frade Murdo tinha um tabuleiro de frasquinhos de terra da Palestina, garantidamente genuínos; um homem que Ned não reconheceu oferecia pedras quentes para aquecer as mãos a um péni; e Puss Lovejoy, tiritando num vestido encarnado, vendia o que sempre costumava vender.

Ned contemplou as nervuras da abóbada, quais braços de uma multidão que se erguiam ao céu. Sempre que entrava naquele local pensava nos homens e nas mulheres que o haviam construído. Muitos

deles eram celebrados no *Livro de Timothy*, uma história do priorado que era estudada na escola: os pedreiros Tom e o seu enteado, Jack; o prior Philip; Merthin Fitzgerald, que erguera não só a ponte como a torre central; e todos os operários das pedreiras, os carpinteiros e os vidraceiros, gente vulgar que tinha feito uma coisa extraordinária, se tinha erguido acima das circunstâncias humildes em que havia nascido e criado algo de eternamente belo.

Ned ajoelhou-se em frente ao altar por um minuto. Uma boa viagem era algo pelo qual se devia dar graças. Até na curta travessia de França para Inglaterra, as embarcações podiam ver-se em sarilhos e podia morrer gente.

Mas não se demorou. A paragem seguinte seria em casa de Margery.

No lado norte da praça da catedral, em frente ao palácio do bispo, ficava a estalagem Bell, e ao seu lado estava a ser construída uma casa. Aqueles eram terrenos que pertenciam ao priorado, portanto Ned supôs que fosse o pai de Margery quem a estivesse a construir. Pareceu-lhe que iria ser impressionante, com as suas janelas de três faces e inúmeras chaminés: seria a habitação mais grandiosa de Kingsbridge.

Continuou pela rua principal até à encruzilhada. A casa onde Margery vivia na altura ficava numa esquina, do outro lado da estrada que vinha da Casa da Guilda. Embora não tão imponente quanto o edifício novo prometia ser, tratava-se de uma habitação de madeira que ocupava um acre do terreno mais caro da cidade.

Ned fez uma pausa na soleira. Durante um ano ansiara por aquele momento, mas, agora que tinha chegado, sentia uma grande apreensão. Bateu.

A porta foi aberta por uma criada idosa, Naomi, que o convidou a entrar para o salão. Conhecia Ned desde sempre, mas pareceu perturbada, como se ele fosse um forasteiro duvidoso; e, quando ele perguntou por Margery, Naomi retorquiu que iria saber dela.

Ned olhou para o quadro de Cristo na cruz, pendurado sobre a lareira. Em Kingsbridge existiam dois tipos de pintura: cenas bíblicas e retratos formais da nobreza. Fora uma surpresa ver, nas casas francesas ricas, quadros de deuses pagãos como Vénus e Baco, em florestas fantásticas, envergando vestes que pareciam sempre prestes a cair.

Contudo, ali havia algo de pouco usual. Na parede oposta à crucificação via-se um mapa de Kingsbridge. Ned nunca havia visto tal coisa, e estudou-o com interesse. Mostrava com clareza a cidade dividida em quatro áreas, por uma rua principal que corria de norte a sul e pela outra que corria de leste a oeste. A catedral e o antigo priorado ocupavam o quadrante sudeste; o bairro malcheiroso dos artífices, o

sudoeste. Todas as igrejas estavam marcadas, bem como algumas das casas, incluindo as das famílias Fitzgerald e Willard. O rio constituía a fronteira leste da cidade, que em seguida virava como a perna traseira de um cão. No passado fora igualmente a delimitação sul, mas a cidade havia-se estendido para além da água graças à ponte de Merthin, e agora existia um enorme subúrbio na margem mais distante.

Os dois quadros representavam os pais de Margery, observou Ned: o pai, o político, teria escolhido o mapa; e a mãe, a católica devota, a crucificação.

Não foi Margery quem entrou no salão, mas sim o irmão, Rollo. Mais alto que Ned, era atraente e tinha cabelo negro. Ned e Rollo haviam sido colegas de escola, mas nunca foram amigos: Rollo era quatro anos mais velho. Fora o aluno mais inteligente da escola e tinha sido encarregado dos alunos mais novos; contudo, Ned recusara-se a vê-lo como mestre e nunca aceitara a sua autoridade. Para tornar as coisas piores, em breve se reparou que Ned ia ser pelo menos tão esperto quanto Rollo. Tinha havido discussões e brigas até Rollo ter ido estudar para o Kingsbridge College, em Oxford.

Ned tentou esconder o seu desagrado e suprimir a sua irritação. Declarou com cortesia: — Vi que estão a construir ao lado da estalagem. O teu pai está a construir uma casa nova?

— Está. Esta casa está a ficar bastante antiquada.

— O negócio em Combe deve estar a correr bem. — Sir Reginald era o cobrador de impostos do porto de Combe, um cargo lucrativo que lhe fora concedido por Maria Tudor quando se tornou rainha, como recompensa pelo seu apoio.

Rollo disse: — Então voltaste de Calais. Como foi a estada?

— Aprendi muito. O meu pai construiu um embarcadouro e um armazém, que é administrado pelo meu tio Dick. — O pai de Ned morrera dez anos antes, e desde então fora a mãe quem estivera à frente do negócio. — Transportamos minério de ferro, estanho e chumbo do porto de Combe até Calais, que daí é vendido por toda a Europa. — A operação de Calais era a base do negócio da família Willard.

— E quais têm sido os efeitos da guerra? — A Inglaterra estava em guerra com a França. O interesse de Rollo, porém, era manifestamente falso. Na verdade, apreciava o perigo que a guerra representava para a fortuna dos Willard.

Ned desvalorizou a situação. — Calais está bem defendida — contrapôs, soando mais confiante do que se sentia de facto. — Encontra-se rodeada de fortalezas que a protegem desde que se tornou parte de Inglaterra há duzentos anos. — Impacientou-se. — A Margery está em casa?

— Existe algum motivo para a veres?

A pergunta era mal-educada, mas Ned fingiu não ter reparado. Abriu a sua sacola. — Trouxe-lhe um presente de França — disse, tirando um corte de seda brilhante cor de alfazema, cuidadosamente dobrado. — Acho que a cor lhe ficará bem.

— Ela não há de querer ver-te.

Ned franziu o sobrolho. O que era aquilo? — Tenho a certeza de que há de querer.

— Não consigo imaginar por que razão.

Ned escolheu as palavras com ponderação. — Admiro a tua irmã, Rollo, e creio que ela me tem afeição.

— Vais descobrir que as coisas mudaram enquanto estiveste fora, jovem Ned — declarou Rollo num tom condescendente.

Ned não levou a sério aquelas palavras. Pensou que Rollo estava apenas a ser malicioso e mal-intencionado. — De todas as formas, pergunta-lhe, por favor.

Rollo sorriu, e a sua expressão inquietou Ned, pois era o sorriso que esboçava quando era autorizado a açoitar um dos alunos mais novos da escola.

Rollo anunciou: — A Margery está noiva e vai casar-se.

— O quê? — Ned fitou-o, sentindo-se chocado e ferido, como se tivesse sido agredido pelas costas. Não tivera certezas quanto ao que poderia esperar, mas nunca sonhara uma coisa daquelas.

Rollo limitou-se a mirá-lo com um sorriso nos lábios.

Ned saiu-se com a primeira coisa que lhe veio à cabeça: — Com quem?

— Vai casar-se com o visconde de Shiring.

Ned exclamou: — Com o Bart? — Era inacreditável. Entre todos os jovens do condado, o obtuso e sem graça Bart Shiring era o que tinha menos hipóteses de cativar o coração de Margery. A possibilidade de ele se tornar um dia conde de Shiring poderia ser suficiente para muitas raparigas — mas não para Margery, disso tinha Ned a certeza.

Ou, pelo menos, tê-la-ia tido um ano antes.

Inquiriu: — Estás a inventar, não?

Apercebeu-se imediatamente de que era uma pergunta tonta. Rollo poderia ser arteiro e rancoroso, mas não era estúpido: não iria inventar uma história daquelas, pois recearia fazer figura de tolo quando a verdade viesse ao de cima.

Rollo encolheu os ombros. — O noivado vai ser anunciado amanhã no banquete do conde.

No dia seguinte celebrar-se-ia a Noite de Reis. Se o conde de Shiring desse um banquete, decerto a família de Ned teria sido convidada. Portanto, ele estaria presente para ouvir o anúncio, se é que Rollo estava a dizer a verdade.

— E ela ama-o? — saiu-lhe num impulso.

Rollo não esperava uma pergunta daquelas, e foi a sua vez de ficar surpreendido. — Não sei por que motivo havia de discutir uma coisa dessas contigo.

A evasiva fez Ned suspeitar que a resposta fosse «Não». — Por que razão te mostras tão ambíguo?

Rollo conteve-se. — O melhor será ires embora, antes que me sinta obrigado a dar-te uma surra como fazia dantes.

Ned ergueu-se igualmente. — Já não estamos na escola — afirmou. — Podias ficar surpreendido com quem apanharia a surra. — Apetecia-lhe lutar com Rollo e sentia-se demasiado enfurecido para se importar se venceria ou não.

Contudo, Rollo foi mais cauteloso. Dirigiu-se à porta, abriu-a e manteve-a aberta. — Adeus — despediu-se.

Ned hesitou. Não queria sair sem ver Margery. Se soubesse onde era o seu quarto, provavelmente teria subido as escadas a correr. Porém, pareceria estúpido abrir portas de quartos à toa em casa de outros.

Pegou no corte de seda e guardou-o na sacola. — Isto não vai acabar assim — disse. — Não podes mantê-la afastada por muito tempo. Falarei com ela.

Rollo ignorou-o, continuando a segurar na porta pacientemente.

Ned ansiava por esmurrar Rollo, mas conteve-se com esforço: já eram homens, e não podia iniciar uma briga por uma provocação tão ligeira. Sentia-se em desvantagem. Hesitou por um longo momento. Não sabia o que fazer.

Assim sendo, saiu.

Rollo acrescentou: — E não te apresses a voltar.

Ned desceu a rua principal, percorrendo a curta distância até à casa onde tinha nascido.

A habitação situava-se em frente à fachada oeste da catedral. Fora alargada com o passar dos anos, com anexos desordenados, e no presente espalhava-se ao longo de alguns milhares de pés quadrados. Mas era confortável, com lareiras enormes, uma sala de jantar espaçosa para refeições cordiais e boas camas de penas. A casa abrigava Alice Willard, os seus dois filhos e a avó, a mãe do pai de Ned, já falecido.

Ned entrou em casa e deparou com a mãe na sala da frente, que usava como escritório quando não estava no armazém à beira-rio. Ela deu um salto da mesa de escritório, abraçou-o e beijou-o. Ned reparou de imediato que parecia mais pesada que no ano anterior, mas decidiu não comentar o facto.

O jovem olhou em redor. A divisão não havia mudado. Ali estava o quadro preferido da mãe, uma pintura de Cristo e a mulher adúltera,

rodeados por uma multidão de fariseus hipócritas que queriam apedrejá-la até à morte. Alice gostava de citar Jesus: «Aquele de entre vós que está sem pecado lhe atire a primeira pedra.» Era um quadro erótico, pois os seios da mulher estavam expostos, uma visão que no passado proporcionara ao jovem Ned sonhos ardentes.

Perscrutou a janela da sala, e o olhar ultrapassou a praça até à fachada elegante da grande igreja com as longas janelas e os arcos pontiagudos. Ali estivera todos os dias da sua vida: apenas o céu acima dela mudava com as estações. Transmitia-lhe um sentimento vago mas poderoso de conforto. As pessoas nasciam e morriam, as cidades eram erguidas e desapareciam, guerras eram iniciadas e terminadas, mas a catedral de Kingsbridge permaneceria até ao dia do Juízo Final.

— Então foste à catedral dar graças — disse a mãe. — És um bom rapaz.

Ned não podia enganá-la. — Também fui a casa dos Fitzgerald — confessou. Vendo um breve olhar de desilusão, acrescentou: — Espero que não vos importeis que tivesse lá ido em primeiro lugar.

— Um pouco — admitiu —, mas devia lembrar-me do que é ser jovem e estar apaixonado.

Tinha quarenta e oito anos. Depois de Edmund ter morrido, todos lhe haviam dito que deveria casar-se de novo, e o pequeno Ned, aos oito anos, vivera aterrorizado pela ideia de vir a ter um padrasto cruel. Contudo, já fazia dez anos que era viúva, e ele supunha que assim tencionasse continuar.

Ned comentou: — O Rollo disse-me que a Margery vai casar-se com o Bart Shiring.

— Oh, Deus do céu. Receava que isso viesse a acontecer. Pobre Ned. Lamento tanto.

— Por que motivo tem o pai dela o direito a dizer-lhe com quem deve casar-se?

— Os pais esperam sempre ter algum controlo. Eu e o teu pai nunca tivemos de nos preocupar com isso. Nunca tive uma filha... que sobrevivesse.

Ned sabia que, antes de Barney, a mãe havia tido duas meninas. Conhecia bem as duas lápides situadas no cemitério do lado norte da catedral de Kingsbridge.

Disse: — Uma mulher tem de amar o marido. Vós nunca teríeis obrigado uma filha a casar-se com um bruto como o Bart.

— Não, acho que não.

— O que se passa com aquela gente?

— Sir Reginald acredita em hierarquias e em autoridade. Enquanto alcaide, pensa que a função dos edis é tomar decisões e fazê-las cumprir.



Quando o teu pai foi alcaide, dizia que os edis deviam governar a cidade servindo-a.

Ned contrapôs, impaciente: — Isso parece ser duas formas de olhar para a mesma coisa.

— Mas não é — acrescentou a mãe. — Corresponde é a dois mundos diferentes.

(ii)

— Eu não me caso com o Bart Shiring! — bradou Margery Fitzgerald à mãe.

Margery estava transtornada, irada. Esperara doze meses pelo regresso de Ned, pensando nele todos os dias, ansiando pelo seu sorriso irónico e pelo seu olhar castanho-dourado; e acabara de saber pela criadagem que ele regressara a Kingsbridge e que fora vê-la, mas não lho tinham dito, e ele tinha-se ido embora! Furiosa com a família, chorava de frustração.

— Não estou a pedir-te que te cases com o visconde de Shiring hoje — disse-lhe Lady Jane. — Apenas que vás ter com ele e conversem.

Estavam ambas no quarto de Margery. Num canto, via-se um *prie-dieu*, um genuflexório, onde se ajoelhava duas vezes por dia, de frente para o crucifixo na parede, e rezava as suas orações com a ajuda de uma fiada de contas de marfim esculpidas. O resto do quarto era muitíssimo luxuoso: uma cama de dossel com um colchão de penas e reposteiros ricamente coloridos; uma grande arca de carvalho esculpido para os muitos vestidos que possuía; uma tapeçaria representando uma floresta.

Aquele quarto havia presenciado muitas discussões com a mãe ao longo dos anos. Porém, Margery já era mulher. De estatura delicada, era um pouco mais alta e robusta que a mãe, uma mulher minúscula mas intensamente emotiva; e naquele instante a jovem achava que não era inevitável que a discussão terminasse com a vitória de Lady Jane e a sua própria humilhação.

Margery argumentou: — De que servirá isso? Ele veio aqui para me cortejar. Se falar com ele, sentir-se-á encorajado a prosseguir. E depois há de ficar ainda mais zangado quando se aperceber da verdade.

— Podes ser bem-educada.

Margery não queria falar sobre Bart. — Como haveis podido omitir que o Ned esteve aqui? — bradou. — Isso foi desonesto.

— Eu não soube até ele ter partido! O Rollo foi o único a vê-lo.

— O Rollo estava apenas a cumprir a vossa vontade.

— Os filhos devem obedecer à vontade dos pais — ripostou a mãe. — Conheces bem o mandamento: «Honrai a vosso pai e a vossa mãe.» É o teu dever perante Deus.

Durante a sua vida ainda curta, Margery sempre tivera dificuldades com isso. Sabia que Deus desejava que fosse obediente, mas a sua natureza era voluntariosa e rebelde — como tantas vezes lhe fora dito —, e achava extremamente difícil ser dócil. No entanto, quando lho apontavam, refreava essa natureza e tornava-se submissa. A vontade de Deus era mais importante que tudo o resto, sabia-o bem. — Desculpai, minha mãe.

— Vai falar com o Bart — ordenou Lady Jane.

— Muito bem.

— Mas penteia o cabelo, querida.

Margery teve um último rasgo de desafio. — O meu cabelo está muito bem — afirmou, abandonando o quarto antes de a mãe poder argumentar.

Bart encontrava-se no salão, envergando uns calções novos até ao joelho, amarelos. Provocava um dos cães, oferecendo-lhe um pedaço de presunto e tirando-lho no último instante.

A mãe seguiu Margery pelas escadas, dizendo: — Leva Lorde Shiring à biblioteca e mostra-lhe os livros.

— Ele não se interessa por livros — ripostou ela.

— Margery!

Bart afirmou: — Gostaria muito de ver os livros.

Margery encolheu os ombros. — Segui-me, por favor — disse, mostrando o caminho para a sala ao lado. Deixou a porta aberta, mas a mãe não se lhes juntou.

Os livros do pai estavam arrumados em três prateleiras. — Por Deus, tantos livros que tendes! — exclamou Bart. — Um homem poderia gastar a vida inteira a lê-los todos.

Seriam cerca de cinquenta, mais do que se via normalmente fora de uma universidade ou da biblioteca de uma catedral, e eram um sinal de riqueza. Alguns estavam escritos em latim ou em francês.

Margery fez um esforço por fazer o papel de anfitriã. Retirou um livro em inglês. — Este chama-se *Os Passatempos do Prazer*<sup>1</sup> — anunciou. — Pode ser que vos interesse.

Ele deitou-lhe um olhar lascivo e aproximou-se. — O prazer é um belo passatempo — disse, parecendo satisfeito com o seu gracejo.

Ela deu um passo atrás. — É um longo poema sobre a educação de um cavaleiro.

— Ah. — Bart perdeu o interesse no livro. Percorrendo a prateleira com o olhar, escolheu *O Livro de Cozinha*. — Este é importante — declarou. — Uma mulher deve assegurar-se de que o marido tenha boa comida, não concordais?

---

<sup>1</sup> *The Pastime of Pleasure*, de Stephen Hawes, poeta inglês do século XVI. (NT)

— Claro que sim. — Margery tentava desesperadamente pensar num outro assunto. Por que temas se interessaria ele? Pela guerra, talvez. — As pessoas estão a culpar a rainha pela guerra com a França.

— Por que motivo há de ser culpa dela?

— Dizem que a Espanha e a França estão a guerrear-se por possessões em Itália, um conflito que nada tem a ver com a Inglaterra, e que nós estamos envolvidos apenas por causa da nossa rainha Maria ser casada com o rei Filipe de Espanha e de ela ter de o apoiar.

Bart anuiu com um aceno de cabeça. — Uma mulher tem de ser guiada pelo marido.

— É por isso que se deve ter muito cuidado a escolher o marido. — A mordaz observação passou despercebida a Bart. Margery continuou: — Há quem diga que a nossa rainha não deveria estar casada com um rei estrangeiro.

Bart cansou-se do tema. — Não devíamos estar a falar de política. As mulheres deveriam deixar assuntos desses para os maridos.

— As mulheres têm tantos deveres para com os maridos — começou Margery, sabendo de antemão que o tom irónico mais uma vez lhe passaria despercebido. — Temos de cozinhar para eles e ser guiadas por eles e deixar-lhes a política para discutirem... Fico satisfeita de não ter marido, assim a vida é mais simples.

— Mas todas as mulheres precisam de um homem.

— Falemos de outra coisa.

— Estou a falar a sério. — Fechou os olhos, concentrou-se e depois saiu-lhe um breve discurso ensaiado: — Sois a mais bela mulher do mundo, e amo-vos. Por favor, concedei-me a vossa mão.

A reação foi visceral. — Não!

Bart pareceu perplexo. Não soube como responder. Tornava-se claro que havia sido levado a crer que a resposta seria outra. Depois de uma pausa, argumentou: — Mas a minha mulher um dia será condessa!

— E deveis casar-vos com uma mulher que deseje isso mesmo do fundo do coração.

— E não é esse o vosso desejo?

— Não. — Tentou não ser muito dura. Era difícil: os eufemismos eram-lhe desconhecidos. — Bart, sois forte e bem-parecido e, segundo creio, sois igualmente corajoso, mas nunca vos poderia amar. — Ned veio-lhe à memória: com ele nunca se tinha visto a pensar sobre que assunto conversar. — Casar-me-ei com um homem que seja esperto e atencioso e que queira que a sua mulher seja mais do que a mais importante das suas criadas. — «Aí está», pensou, «até o Bart há de perceber isto.»

Ele moveu-se com uma velocidade surpreendente e agarrou-a pelos braços, com uma firmeza notável. — As mulheres gostam de ser dominadas — afirmou.

— Quem vos disse tal? Acreditai, não eu! — Margery tentou libertar-se, mas não conseguiu.

Ele puxou-a para si e beijou-a.

Noutro dia ela poderia simplesmente ter desviado o rosto. Os lábios não magoavam. Contudo, ainda se sentia triste e ressentida por não se ter encontrado com Ned. O seu pensamento fervilhava com o que poderia ter acontecido: poderia tê-lo beijado, tocar-lhe no cabelo e atraído o corpo dele ao seu. A presença imaginária de Ned era tão forte que o abraço de Bart a repugnou ao ponto de entrar em pânico. Sem pensar, pregou-lhe uma joelhada nos tomates com toda a força que tinha.

Ele bramiu de dor e choque, libertou-a e curvou-se, gemendo de agonia, os olhos fechados, as duas mãos na virilha.

Margery correu para sair da biblioteca, mas, antes que lá chegasse, entrou a mãe, que obviamente havia estado a escutar à porta.

Lady Jane olhou para Bart, percebeu de imediato o que sucedera, virou-se para a filha e disse: — Que tolice, menina.

— Não me casarei com este bruto! — gritou Margery.

Nesse instante, entrou o pai, um homem alto e de cabelo negro tal como Rollo, mas que, ao contrário do filho, era muito sardento. — Casar-te-ás com quem o teu pai escolher — disse friamente.

Aquela declaração agourenta assustou Margery. Começou a suspeitar que havia subestimado a determinação dos pais. Seria um erro deixar que a indignação tomasse conta de si. Tentou acalmar-se e raciocinar logicamente.

Veemente ainda, mas mais comedida, afirmou: — Não sou uma princesa! Pertencemos à grande burguesia, não à aristocracia. O meu casamento não é uma aliança política. Sou a filha de um mercador. Pessoas como nós não têm casamentos arrançados.

Aquelas palavras enfureceram Sir Reginald, que se ruborizou debaixo das sardas. — Eu sou cavaleiro!

— Mas não conde!

— Sou descendente de Ralph Fitzgerald, que se tornou conde de Shiring há duzentos anos; tal como o Bart. Ralph Fitzgerald era filho de Sir Gerald e irmão de Merthin, o que construiu a ponte. O sangue da nobreza inglesa corre-me nas veias.

Margery apercebeu-se de que não só enfrentava a vontade inflexível do pai com também o seu orgulho na família. Não sabia como ultrapassar aquela conjunção de fatores. A única coisa que sabia era que não podia mostrar fraqueza.

Voltou-se para Bart. Decerto não desejaria casar-se com uma noiva reticente. — Lamento, Lorde Shiring, mas vou casar-me com o Ned Willard — declarou.

Sir Reginald ficou estupefacto. — Não, não vais, juro pela cruz.

— Estou apaixonada pelo Ned Willard.

— És demasiado nova para estares apaixonada por quem quer que seja. E os Willard são praticamente protestantes!

— Vão à missa como toda a gente.

— De todas as maneiras, vais casar-te com o visconde de Shiring.

— Não vou — retorquiu ela calma mas firmemente.

Bart estava a recuperar. Murmurou: — Eu sabia que ela haveria de ser um sarilho.

Sir Reginald replicou: — Necessita apenas de uma mão firme.

— Precisa é de um chicote.

Lady Jane interveio. — Pensa bem, Margery — disse —, um dia serás condessa, e o teu filho será conde!

— É só com isso que vos importais, não é? — continuou Margery. Ouvia a sua própria voz erguer-se num grito de desafio, mas não conseguiu parar. — Apenas quereis que os vossos netos sejam aristocratas! — Percebeu pela expressão dos pais que havia tocado numa corda sensível. Com desdém, acrescentou: — Recuso-me a ser uma égua parideira só porque tendes devaneios de vos tornardes membros da nobreza.

Mal o dissera, soube de imediato que havia ido longe de mais. O insulto tocara no ponto mais sensível do pai.

Sir Reginald tirou o cinto.

Amedrontada, Margery recuou e deu por si encostada à mesa de trabalho. Com a mão esquerda, Sir Reginald agarrou-a pela nuca. Ela viu que a extremidade do cinto era revestida de latão e ficou tão apavorada que gritou.

Sir Reginald fê-la curvar-se sobre a mesa. Ela debateu-se, desesperada, mas o pai era demasiado forte e segurou-a com facilidade.

Ela ouviu a mãe dizer: — Saí, por favor, Lorde Shiring. — E isso ainda a amedrontou mais.

A porta bateu com força e, de seguida, ouviu o cinto silvar pelo ar. Atingiu-a na parte de trás das coxas. O vestido era demasiado fino para a proteger, e gritou de novo, daquela feita de dor. Foi chicoteada mais uma vez, e ainda outra.

Nesse momento, a mãe interveio. — Penso que seja suficiente, Reginald — proferiu.

— A letra com sangue entra — retorquiu o pai. Tratava-se de um provérbio terrivelmente habitual: toda a gente acreditava que era bom açoitar os filhos, exceto os próprios filhos.

Lady Jane contrapôs: — Na verdade, o versículo da Bíblia diz algo de diferente: «Aquele que poupa a vara aborrece a seu filho; mas quem o ama, a seu tempo o castiga.»<sup>2</sup> Refere-se a rapazes, não a raparigas.

Sir Reginald rebateu com um versículo diferente: — Existe um outro que reza «Não retires da criança a disciplina»<sup>3</sup>, não é assim?

— Ela já não é uma criança. Além do mais, ambos sabemos que um tratamento destes não resulta com a Margery. Os castigos apenas a tornam mais obstinada.

— Nesse caso, que propondes?

— Deixai-a comigo. Falarei com ela quando se acalmar.

— Muito bem — concordou Sir Reginald, e Margery pensou que a questão terminava ali; então, o cinto silvou de novo, fustigando-lhe as pernas já doridas, e ela gritou outra vez. Quase de imediato, porém, ouviu as botas do pai pisar o chão e abandonar a biblioteca. Nesse instante, tudo terminara.

(iii)

Ned tinha a certeza de que iria encontrar Margery no banquete do conde Swithin. Seria muito difícil para os pais impedi-la de comparecer. Todas as pessoas comentariam sobre os motivos da sua ausência.

Os sulcos do rodado das carroças na estrada enlameada estavam gelados, e o pônei de Ned escolhia graciosamente o seu caminho ao longo da superfície traiçoeira. O calor da égua aquecia-lhe o corpo, mas sentia as mãos e os pés dormentes do frio. A seu lado, a mãe, Alice, montava uma égua de garupa larga.

A habitação do conde de Shiring, New Castle, distava cerca de doze milhas de Kingsbridge. A viagem levava quase metade de um dia de inverno, e estava a deixar Ned louco de impaciência. Tinha de encontrar-se com Margery, não apenas porque ansiava vê-la, mas também para conseguir descobrir que diabo se passava.

New Castle surgiu-lhes em frente, ao longe. Fora uma construção nova havia cento e cinquenta anos. O conde construía recentemente uma casa sobre as ruínas da fortaleza medieval. As muralhas que ainda restavam, construídas da mesma pedra cinzenta que a catedral de Kingsbridge, pareciam naquele dia adornadas das fitas e grinaldas do nevoeiro gelado. Enquanto se aproximavam, Ned ouviu os sons da festa: cumprimentos gritados, risos e uma banda campestre — um tambor grave, uma rabeca animada e o lamento agudo das flautas

---

<sup>2</sup> Provérbios 13, 24. (NT)

<sup>3</sup> Provérbios 23, 13. (NT)

flutuavam pelo ar frio. Eram ruídos que traziam consigo a promessa de lareiras ao rubro, de comida quente e de algo alentador para beber.

Ned levou a égua a trote, impaciente por chegar e pôr um ponto final na sua incerteza. Seria que Margery amava Bart Shiring e iria casar-se com ele?

A estrada conduzia diretamente à entrada do castelo. Nas muralhas pavoneavam-se gralhas que, desdenhosas, grasnavam aos visitantes. A ponte levadiça desaparecera havia muito e o fosso fora coberto de terra, mas ainda se viam as seteiras no portão de armas. Ned atravessou a buliçosa praça de armas, que fervilhava de convidados vestidos de cores garridas, de cavalos e de carroças e dos criados atarefados do anfitrião. Entregou o pônei a um moço de estrebaria e juntou-se à multidão que se dirigia à casa.

Não viu Margery.

Na extremidade mais afastada da praça de armas erguia-se uma moderna mansão de tijolo, contígua aos edifícios do antigo castelo, com a capela num dos lados e a fábrica de cerveja do outro. Ned estivera lá uma única vez desde que fora construída havia quatro anos e de novo se maravilhou com as fileiras de grandes janelas e de múltiplas chaminés. Mais imponente que as habitações dos mais ricos mercadores de Kingsbridge, era a maior casa do condado, embora talvez houvesse edifícios ainda maiores em Londres, que nunca visitara.

O conde Swithin perdera a sua influência durante o reinado de Henrique VIII, pois havia-se oposto à rutura do rei com o papa; contudo, a sua boa fortuna fora reavivada cinco anos antes, com a ascensão da ultracatólica Maria Tudor ao poder, e Swithin voltou a ser favorecido, rico e poderoso. Aquele prometia ser um banquete magnífico.

Ned entrou na casa e passou a um salão enorme com a altura de dois pisos. As janelas altas tornavam a sala clara mesmo num dia de inverno. As paredes eram apaineladas com carvalho envernizado e decoradas com tapeçarias de cenas de caça. Nos topos opostos do longo salão, ardia lenha nas duas lareiras enormes. Na galeria que corria ao longo de três das quatro paredes, tocava energicamente a banda que Ned ouvira da estrada. Bem ao alto da outra parede, via-se um retrato do pai do conde Swithin, segurando um bastão de mando que simbolizava autoridade.

Alguns convidados executavam vigorosamente uma dança campestre, em grupos de oito: rodavam em círculos de mãos dadas e em seguida paravam, aproximavam-se e afastavam-se. Outros conversavam em grupos, elevando as vozes acima da música e dos passos pesados dos dançarinos. Ned pegou num copo de madeira com sidra quente e olhou em volta do salão.

Havia um grupo que se destacava, afastado das danças: o armador Philbert Cobley e a sua família, todos vestidos de cinzento e de preto. Os protestantes de Kingsbridge constituíam um grupo semiclandestino: todos sabiam que existiam e imaginavam quem eles eram, mas a sua existência não era abertamente reconhecida — «Um pouco à semelhança da comunidade semissecreta dos homens que gostavam de homens», pensou Ned. Os protestantes não confessavam as suas crenças, pois, assim sendo, seriam torturados até abjurarem ou queimados vivos se recusassem fazê-lo. Se lhes perguntassem em que acreditavam, usariam de rodeios e mudariam de assunto. Assistiam às cerimónias católicas, pois a isso eram obrigados por lei. Contudo, aproveitavam todas as oportunidades para pôr objeções a canções obscenas, a vestidos reveladores ou a padres embriagados. E não havia qualquer lei contra roupas sombrias.

Ned conhecia praticamente toda a gente na sala. Os convidados mais jovens eram os rapazes com quem frequentara a escola paroquial de Kingsbridge e as raparigas a quem puxara os cabelos ao domingo depois da igreja. A geração mais velha dos notáveis da terra era-lhe igualmente familiar, constantemente a entrar e a sair de casa de sua mãe.

Durante a sua busca por Margery, houve algo que o fez demorar-se a observar um forasteiro: um homem de nariz comprido, à beira dos quarenta anos, já com entradas no cabelo castanho, e a barba cuidadosamente aparada numa forma pontiaguda muito em moda. Pequeno e esguio, envergava um casaco vermelho-escuro, dispendioso mas não ostentoso. Conversava com o conde Swithin e com Sir Reginald Fitzgerald, e foi a atitude dos dois homens mais influentes da cidade que impressionou Ned. Era claro que não apreciavam aquele visitante distinto — Reginald inclinava-se ligeiramente para trás de braços cruzados, e Swithin estava de pé, de pernas abertas e as mãos nas ancas —, mas, ainda assim, escutavam-no com toda a atenção.

Os músicos terminaram um número com um floreado e, no relativo sossego que se seguiu, Ned falou com o filho de Philbert Cobley, Daniel, um rapaz gordo com um rosto redondo e pálido, que era apenas alguns anos mais velho que ele. — Quem é aquele? — inquiriu, apontando para o desconhecido de casaco vermelho.

— Sir William Cecil. É ele quem administra as terras da princesa Isabel.

Isabel Tudor era a meia-irmã mais nova da rainha Maria. — Já ouvi falar nele — observou Ned. — Não foi secretário de Estado durante um tempo?

— É verdade.

Nessa altura Ned era demasiado jovem para seguir a política com atenção, mas recordava-se de o nome de Cecil ser mencionado com admiração



pela mãe. Cecil não era suficientemente católico para o gosto de Maria Tudor e esta, assim que se tornou rainha, havia-o despedido; era por isso que no momento tinha o trabalho menos grandioso de tomar conta das finanças de Isabel.

Sendo assim, que estaria ele a fazer ali?

A mãe de Ned gostaria de conhecer Cecil. Um visitante trazia notícias, e Alice era obcecada por notícias. Sempre ensinara aos filhos que uma pessoa com informações podia fazer fortuna — ou então salvar-se da ruína. Contudo, ao olhar em volta para ver se descobria a mãe, avistou Margery, o que o fez esquecer-se imediatamente de William Cecil.

Ficou surpreendido com a aparência de Margery. Parecia ter envelhecido cinco anos, não um. O cabelo castanho-escuro encaracolado estava apanhado num penteado elaborado e coberto por uma boina masculina adornada com uma pluma caprichosa. Um pequeno rufo branco em volta do pescoço parecia iluminar-lhe o rosto. Era baixa, mas não magra, e o corpete rijo e encorpado, tanto na moda, do vestido de veludo azul não conseguia esconder-lhe a figura deliciosamente curvilínea. Como sempre, o rosto era muito expressivo. Sorria, erguia as sobrancelhas, inclinava ligeiramente a cabeça para o lado, exprimindo surpresa, perplexidade, desdém e deleite em catadupa. Ned deu por si a contemplá-la, tal como fizera no passado. Por alguns momentos, pareceu-lhe que não havia mais ninguém na sala.

Acordando do seu devaneio, abriu caminho através da multidão em direção a ela.

Ela viu-o. O rosto iluminou-se-lhe de prazer, o que o encantou; de seguida, mudou mais rapidamente que o tempo num dia de primavera, e a expressão tornou-se nublada de preocupação. Enquanto ele se aproximava, os olhos abriram-se de medo, e pareceu estar a dizer-lhe que se fosse, mas Ned ignorou-a. Tinha de falar com ela.

Ele abriu a boca, mas foi ela quem falou primeiro. — Segue-me quando eles jogarem ao Hunt the Hart — proferiu ela em voz baixa. — Não digas nada agora.

Tratava-se de um jogo de escondidas que os mais novos costumavam jogar em festas. Ned ficou feliz com o convite, mas não estava disposto a afastar-se dela sem ter algumas respostas. — Estás apaixonada pelo Bart? — perguntou.

— Não! Agora vai-te embora... falamos depois.

Ned sentiu-se entusiasmadíssimo, mas não havia terminado. — Vais casar-te com ele?

— Não enquanto tiver fôlego suficiente para dizer «Vai para o diabo».

Ned sorriu. — Está bem, agora posso ter mais paciência. — E afastou-se, feliz.

Rollo observou, alarmado, a interação entre a irmã e Ned Willard. Não durou muito tempo, mas foi obviamente intensa. Rollo ficou preocupado. Na véspera tinha estado à escuta à porta da biblioteca, quando Margery fora açoitada pelo pai, e concordava com a mãe: os castigos apenas tornavam Margery mais obstinada.

Não queria que a irmã se casasse com Ned. Nunca gostara dele, mas isso era o menos. Mais importante era que os Willard tinham um fraquinho pelo protestantismo. Edmund Willard ficara bastante satisfeito quando o rei Henrique se virara contra a igreja católica. Era certo que não parecera muito perturbado quando a rainha Maria revertera o processo — contudo, também isso ofendia Rollo. Não suportava pessoas que não levavam a religião a sério. A autoridade da igreja deveria ser tudo para elas.

Quase igualmente importante era o facto de o casamento com Ned Willard não trazer nada em prol do prestígio dos Fitzgerald: seria meramente uma aliança entre duas famílias de mercadores prósperas. Ao passo que Bart Shiring os conduziria para as fileiras da nobreza. Para Rollo, o prestígio da família Fitzgerald pesava mais que qualquer outra coisa, com exceção da vontade de Deus.

A dança terminou, e a criadagem do conde trouxe tábuas e cavaletes para montar uma mesa em T, a barra numa das extremidades da sala e a vertical estendendo-se ao longo de toda a divisão; em seguida, começaram a pôr a mesa. Faziam-no de forma algo descuidada, pensou Rollo, atirando ao acaso canecas de barro e pães para a toalha branca. Aquilo dever-se-ia ao facto de não haver uma mulher que governasse a casa: a condessa morrera dois anos antes, e Swithin ainda não voltara a casar-se.

Um criado falou com Rollo: — O vosso pai requer a vossa presença, meu senhor. Na sala privada do conde.

O homem conduziu Rollo a uma divisão adjacente com uma mesa para escrever e uma prateleira com livros-razão, claramente o lugar onde o conde dirigia os negócios.

Swithin sentava-se numa enorme cadeira, que quase parecia um trono. Era um homem alto e bem-parecido, como Bart, embora os muitos anos que passara a comer bem e a beber bastante lhe tivessem engrossado a cintura e avermelhado o nariz. Quatro anos antes, perdera a maioria dos dedos da mão esquerda na batalha de Hartley Wood. Não fazia qualquer tentativa em escondê-lo — de facto, parecia orgulhoso do seu ferimento.

Ao lado de Swithin, sentava-se o pai de Rollo, Sir Reginald, magro e sardento, um leopardo ao lado de um urso.

Bart Shiring também lá estava e, para consternação de Rollo, Alice e Ned Willard estavam igualmente presentes.

William Cecil sentava-se num banco baixo, de frente para eles, mas, apesar do simbolismo do assento, pareceu a Rollo que era Cecil quem dirigia a reunião.

Reginald disse para Cecil: — Não vos importais que o meu filho se nos junte? Frequentou a Universidade de Oxford e estudou Leis nos Inns of Court<sup>4</sup>, em Londres.

— Agrada-me que a geração mais jovem esteja presente — retorquiu Cecil, num tom amável. — Costumo incluir o meu filho em reuniões, embora ele tenha apenas dezasseis anos; quanto mais cedo eles começam, mais depressa aprendem.

Ao observar Cecil, Rollo reparou que tinha três verrugas na face direita e que a barba castanha começava a embranquecer. Fora um poderoso homem da corte no reinado de Eduardo VI, então ainda na casa dos vinte, e, embora não tivesse quarenta anos, exibia um ar de sabedoria confiante que poderia ser de um homem muito mais velho.

O conde Swithin teve um movimento de impaciência. — Tenho cem convidados no salão, Sir William. O melhor será dizer-me o que é tão importante que me faça ausentar da minha própria festa.

— Imediatamente, senhor — apressou-se Cecil a dizer. — A rainha não está grávida.

Rollo deixou escapar um grunhido de surpresa e de consternação.

A rainha Maria e o rei Filipe desesperavam por herdeiros para as duas coroas, a de Inglaterra e a de Espanha. Portanto, houvera grandes manifestações de alegria em ambos os países quando Maria anunciara que esperava um filho no mês de março seguinte. Algo correra obviamente mal.

O pai de Rollo, Sir Reginald, afirmou sombriamente: — Já aconteceu antes.

Cecil assentiu. — É a sua segunda falsa gravidez.

Swithin pareceu confuso. — Falsa? — inquiriu. — Que quereis dizer com isso?

— Não se deu um aborto — proferiu Cecil com solenidade.

Reginald explicou: — Quer tanto ter um filho que se convence de que está à espera, mas não está.

— Estou a ver — disse Swithin. — A estupidez feminina.

Alice soltou um grunhido de desdém ao ouvir tal observação, que Swithin ignorou.

Cecil declarou: — Agora temos de encarar a possibilidade de a nossa rainha nunca vir a dar à luz.

---

<sup>4</sup> Associações profissionais dos homens de leis. (NT)

O pensamento de Rollo fervilhava com as conseqüências. Um filho — desejado havia muito — da ultracatólica rainha Maria e do igualmente devoto rei de Espanha teria sido educado no mais estrito catolicismo, e poderia ter sido alguém em quem confiar para favorecer as famílias como a Fitzgerald. Se Maria morresse sem um herdeiro, porém, ia tudo por água abaixo.

Cecil já descobrira isso muito tempo antes, presumiu Rollo. — A transição para um novo monarca representa tempos de perigo para qualquer país — continuou Cecil.

Rollo teve de suprimir um sentimento de pânico. A Inglaterra poderia regressar ao protestantismo — e tudo o que a família Fitzgerald alcançara nos últimos cinco anos seria arrasado.

— Quero planejar uma sucessão tranquila, sem derramamento de sangue — proferiu Cecil sensatamente. — Encontro-me aqui para falar convosco, as três pessoas mais influentes do condado: o seu conde, o alcaide de Kingsbridge e o mercador mais poderoso da cidade; e para pedir a vossa ajuda.

Embora na aparência se limitasse a ser um servo dedicado e zeloso que delineava planos cuidadosamente, Rollo apercebeu-se de que, na verdade, não passava de um revolucionário perigoso.

Swithin quis saber: — E de que forma poderemos ajudar?

— Jurando fidelidade a Isabel, a minha senhora.

Swithin retorquiu provocadoramente: — Assumis então que Isabel será herdeira da coroa?

— Henrique VIII deixou três filhos — explicou Cecil, alardeando o que era óbvio. — O seu filho, Eduardo VI, o rei-menino, morreu antes de poder ter filhos, portanto foi a filha mais velha de Henrique, Maria Tudor, quem foi coroada rainha. Não se pode escapar à inevitabilidade da lógica. Se a rainha Maria morrer sem descendentes, tal como o rei Eduardo, a próxima na linha de sucessão será claramente a outra filha de Henrique, Isabel Tudor.

Rollo decidiu que estava na altura de intervir. Aquele disparate insensato não poderia passar em claro, e ele era o único advogado presente. Fez um esforço por falar tão calma e racionalmente como Cecil, mas, apesar disso, conseguia aperceber-se do laivo de alarme na sua voz. — A Isabel é filha ilegítima! — declarou. — Henrique nunca se casou verdadeiramente com a mãe dela. O divórcio com a esposa anterior foi anulado pelo papa.

Swithin acrescentou: — Os bastardos não herdaram propriedade nem títulos, toda a gente o sabe.

Rollo fez um trejeito. Apelidar Isabel de bastarda era de uma grosseira desnecessária para com o conselheiro dela. Infelizmente, atitudes sem maneiras eram típicas de Swithin. No entanto, era imprudente antagonizar

Cecil, um homem comedido e seguro de si, que poderia ter caído em desgraça, mas que ainda assim exsudava um ar de discreta autoridade.

Cecil ignorou a falta de civilidade. — O divórcio foi ratificado pelo Parlamento inglês — afirmou com uma insistência cortês.

Swithin comentou: — Dizem que tem inclinações para o protestantismo.

«Essa é que é a questão», pensou Rollo.

Cecil esboçou um sorriso. — Disse-me muitas vezes que, se vier a ser rainha, o seu maior desejo é que nenhum inglês perca a vida por causa das suas convicções religiosas.

Ned Willard interveio. — Esse é um bom sinal — declarou. — Ninguém deseja mais gente queimada na fogueira.

«Típico dos Willard», pensou Rollo, «tudo por uma vida calma.»

O conde Swithin parecia igualmente irritado com a ambiguidade das palavras. — Católica ou protestante? — quis saber. — Tem de ser uma coisa ou outra.

— Pelo contrário — esclareceu Cecil —, ela crê na tolerância.

Swithin ficou indignado. — Na tolerância? — repetiu com desdém. — Perante a heresia? A blasfêmia? O desrespeito pelo sagrado?

Para Rollo, a indignação justificava-se plenamente, mas não podia ser utilizada em vez de um argumento legal. A igreja católica tinha a sua própria opinião sobre quem deveria ser o próximo governante de Inglaterra. — Aos olhos do mundo, a verdadeira herdeira do trono é a outra Maria, a rainha da Escócia.

— Decerto que não — contrapôs Cecil, que claramente esperava por um argumento daqueles. — Maria Stuart é apenas a sobrinha-neta do rei Henrique VIII, ao passo que Isabel Tudor é sua filha.

— A sua filha ilegítima.

Ned Willard interveio de novo. — Conheci Maria Stuart quando fui a Paris — disse. — Não falei com ela, mas uma ocasião estava numa das antecâmaras do palácio do Louvre quando ela passou. É alta e bonita.

Rollo interrompeu, impaciente: — Que tem isso a ver com o que estamos a discutir?

Ned prosseguiu. — Ela tem quinze anos. — Olhou diretamente para Rollo, acrescentando: — A idade da tua irmã, a Margery.

— Não é essa a questão...

Ned ergueu a voz para se sobrepor à interrupção. — Há pessoas que pensam que uma jovem de quinze anos é demasiado nova para escolher um marido, quanto mais para governar um país.

Rollo inspirou profundamente, e o pai resmungou, indignado. Cecil franziu o sobrolho, sem dúvida apercebendo-se de que a afirmação de Ned teria um significado privado que um estranho não entenderia.

Ned acrescentou: — Disseram-me que Maria fala francês e escocês, mas que mal fala inglês.

Rollo observou: — Considerações dessas não têm qualquer peso legal.

Ned insistiu: — Mas há mais. Maria está noiva do príncipe Francisco, o herdeiro da coroa francesa. Se o casamento atual da nossa rainha com o rei de Espanha não agrada ao povo inglês, uma rainha que se casasse com o rei de França ser-lhe-ia ainda mais hostil.

Rollo declarou: — Decisões dessas não são tomadas pelo povo inglês.

— De qualquer das maneiras, a falta de confiança pode gerar conflitos, e as pessoas podem pegar nas foices e nos machados para dar a conhecer o que pensam.

Cecil adiantou-se: — E é exatamente isso que estou a tentar evitar.

Aquilo era nada menos que uma ameaça, pensou Rollo, furioso. Contudo, antes de poder dizê-lo, Swithin interveio mais uma vez. — Como é que é esta rapariga, a Isabel, pessoalmente? Não a conheço.

Perante aquele desvio da questão da legitimidade, Rollo franziu o sobrolho de irritação, mas Cecil respondeu de bom grado. — É a mulher com mais instrução que alguma vez conheci — afirmou. — Conversa em latim com tanta facilidade como em inglês, e também fala francês, castelhano e italiano, e escreve em grego. Embora não seja considerada uma grande beldade, encanta os homens de uma tal forma que os leva a pensar que é adorável. Herdou a força de caráter do pai, o rei Henrique. Dará uma rainha decidida.

«O Cecil ama-a, está bem de ver», pensou Rollo. Contudo, isso não era o pior. Os opositores de Isabel tinham de apoiar-se em argumentos legais, pois pouco mais havia a que pudessem recorrer. Isabel parecia ter a idade, a sabedoria e a firmeza de caráter suficientes para governar a Inglaterra. Poderia talvez ser protestante, mas era demasiado inteligente para o ostentar, e eles não tinham provas.

A perspetiva de uma rainha protestante aterrorizava Rollo. Decerto desfavoreceria as famílias católicas. Era provável que a família Fitzgerald nunca recuperasse a sua fortuna.

Swithin comentou: — Bom, se por acaso se casasse com um bom católico que a mantivesse na ordem, seria provavelmente mais aceitável. — E deu uma risadinha concupiscente, que fez Rollo conter um calafrio. Era claro que a mera ideia de dominar uma princesa excitava Swithin.

— Não me esquecerei disso — retorquiu Cecil secamente. Ouviu-se um sino a anunciar que os convidados deveriam tomar os seus lugares à mesa, e ele levantou-se. — Tudo o que vos peço é que não vos precipiteis no vosso julgamento. Dai uma hipótese à princesa Isabel.

Reginald e Rollo detiveram-se um pouco, enquanto os outros abandonavam a sala. — Acho que o pusemos na ordem — disse Reginald.

Rollo abanou a cabeça. Havia ocasiões em que desejava que o pai fosse mais astuto. — O Cecil sabia de antemão que os católicos leais, tal como vós e o Swithin, nunca prometeriam apoiar Isabel.

— Suponho que sim — retorquiu Reginald. — Estar bem informado é tudo para ele.

— E é óbvio que é um homem esperto.

— Então por que razão veio cá?

— Tenho estado a pensar nisso — disse Rollo. — Penso que veio avaliar a força dos seus inimigos.

— Ah! — exclamou o pai. — Não tinha pensado nisso.

— Vamos jantar — sugeriu Rollo.

(v)

Ned esteve impaciente durante todo o banquete. Mal conseguiu esperar por que terminasse a comida e a bebida a fim de que o jogo pudesse ter início. Contudo, quando os doces estavam a ser levantados da mesa, a mãe olhou para ele e chamou-o.

Ele reparara que estava embrenhada numa grande conversa com Sir William Cecil. Alice Willard, uma mulher gorda e vigorosa, envergava um vestido dispendioso na cor escarlata de Kingsbridge, bordado a ouro, e um medalhão com a Virgem Maria ao pescoço para evitar qualquer acusação de protestantismo. Ned esteve tentado a fingir não ter visto o seu sinal. O jogo teria lugar enquanto as mesas eram levantadas e os atores se preparavam para a representação teatral. Ned não sabia bem o que Margery teria na ideia, mas, o que quer que fosse, não iria perdê-lo por nada. No entanto, a mãe era tão rígida quanto afetuosa e não toleraria desobediências, portanto dirigiu-se até ela.

— Sir William quer fazer-te algumas perguntas — anunciou Alice.

— É uma honra — respondeu Ned delicadamente.

— Quero saber sobre Calais — começou Cecil. — Segundo sei, acabaste de chegar.

— Parti uma semana antes do Natal e cheguei aqui ontem.

— Não é necessário dizer-te, nem à senhora tua mãe, quão vital essa cidade é para o comércio inglês. O facto de ainda administrarmos uma pequena porção da França também é uma questão de orgulho nacional.

Ned assentiu. — E uma questão extremamente irritante para os franceses, claro.

— Como está o moral da comunidade inglesa que lá vive?

— Espêlndido — retorquiu Ned, que começou a ficar preocupado. Cecil não o interrogava por mera curiosidade: havia um motivo. Além disso, pensando no assunto, o rosto da mãe parecia sombrio. Ainda assim, continuou: — Quando parti, ainda rejubilavam com a derrota dos franceses em St. Quentin no passado agosto. Fê-los sentir que não seriam afetados pela guerra entre a Inglaterra e a França.

— Demasiado confiantes, talvez — murmurou Cecil.

Ned franziu o sobrolho. — Calais está rodeada de fortalezas: Sangatte, Fréthun, Nielles...

Cecil interrompeu-o. — E se as fortalezas caírem?

— A cidade possui trezentos e sete canhões.

— Tens uma boa memória para detalhes. Mas conseguirá a população resistir a um cerco?

— Dispõe de alimentos para três meses. — Ned investigara todos os números antes de partir, pois sabia que a mãe queria um relatório pormenorizado. Virou-se para Alice, inquirindo: — Que se passa, minha mãe?

Alice disse: — Os franceses tomaram Sangatte no primeiro dia de janeiro.

Ned ficou siderado. — Como é que pôde acontecer uma coisa dessas?

Foi Cecil quem respondeu: — O exército francês foi secretamente recrutado nas cidades vizinhas. O ataque apanhou a guarnição de Calais de surpresa.

— Quem comanda as forças francesas?

— François, o duque de Guise.

— O *Cicatriz!* — exclamou Ned. — É uma personagem lendária. — O duque era o maior general de França.

— Neste momento a cidade deve estar cercada.

— Mas não caiu.

— Tanto quanto sabemos, mas as últimas notícias são de há cinco dias.

Ned virou-se de novo para Alice. — Não haveis tido notícias do tio Dick?

Alice abanou a cabeça. — Não pode enviar mensagens de uma cidade cercada.

Ned recordou os familiares que lá viviam: a tia Blanche, que cozinava muito melhor que Janet Fife, embora Ned nunca lho viesse a dizer; o primo Albin, que era da sua idade e lhe ensinara os nomes franceses para as partes íntimas do corpo e outras coisas que não podia mencionar; e a amorosa Thérèse. Conseguiriam sobreviver?

Alice disse baixinho: — Quase tudo o que temos está enterrado em Calais.

Ned franziu o sobrolho. Seria possível? — Não temos cargas em viagem para Sevilha? — perguntou.



O porto espanhol de Sevilha era o arsenal do rei Filipe, que tinha um apetite insaciável por metal. Um primo do pai de Ned, Carlos Cruz, comprava tudo o que Alice conseguia enviar, transformando-o em canhões e balas de canhão para as intermináveis guerras de Espanha. Barney, o irmão de Ned, vivia e habitava em Sevilha, trabalhando com Carlos e aprendendo um outro lado do negócio familiar, tal como Ned havia feito em Calais. Contudo, a viagem por mar era longa e arriscada, e os navios eram enviados apenas quando o armazém de Calais, muitíssimo mais perto, se encontrava repleto.

Alice respondeu à pergunta do filho: — Não. Neste momento, não temos quaisquer navios em viagem de ou para Sevilha.

— Portanto, se perdermos Calais...

— Perdemos quase tudo.

Ned pensava ter entendido o negócio, mas não havia percebido que poderia ruir tão depressa. Sentiu-se como quando um cavalo em que confiava tropeçava e mudava de passo debaixo de si, fazendo-o perder o equilíbrio na sela. Era um aviso inesperado de quão imprevisível a vida era.

Soou o sino para o início do jogo. Cecil sorriu e agradeceu: — Muito obrigado pelas informações que me deste, Ned. Não é muito habitual os jovens serem tão rigorosos.

Ned sentiu-se lisonjeado. — Fico satisfeito por vos ter ajudado.

A irmã de Dan Cobley, Ruth, uma rapariga loura e bonita, passou dizendo: — Vamos, Ned, está na hora do jogo.

— Já vou — retorquiu ele, mas não se mexeu. Sentia-se dividido. Estava ansioso por falar com Margery, mas, depois de notícias daquelas, não tinha disposição para jogar. — Suponho que não haverá grande coisa que possamos fazer — disse à mãe.

— Resta-nos esperar por mais notícias, o que ainda pode levar muito tempo.

Seguiu-se uma pausa taciturna. Cecil disse: — A propósito, ando à procura de um ajudante para o meu trabalho para a princesa Isabel, um jovem que habite no palácio de Hatfield como membro do pessoal e me represente quando tenho de me deslocar a Londres ou a outro sítio. Sei que estás destinado a trabalhar com a senhora tua mãe no negócio da família, Ned, mas, se conheceres alguém inteligente e em quem se possa confiar, que não deixe passar pormenores... diz-me.

Ned assentiu. — Com certeza — retorquiu, desconfiado de que, na verdade, Cecil lhe estava a oferecer o posto a ele.

Cecil acrescentou: — Alguém que teria de partilhar a atitude tolerante de Isabel em relação à religião. — A rainha Maria Tudor havia mandado centenas de protestantes para a fogueira.

Era essa a opinião de Ned, tal como Cecil deveria ter percebido aquando da discussão na biblioteca do conde sobre a sucessão ao trono. Havia milhões de ingleses que partilhavam essa opinião: fossem católicos ou protestantes, a matança repugnava-os.

— Isabel disse-me muitas vezes que, se vier a ser rainha, o seu maior desejo é que nenhum inglês perca a vida por causa das suas convicções religiosas — continuou Cecil. — Penso ser um ideal digno da fé de um homem.

Alice pareceu levemente ofendida. — Tal como dizeis, Sir William, os meus filhos estão destinados a trabalhar no negócio da família. Podes ir agora, Ned.

Ned voltou as costas e começou à procura de Margery.

(vi)

O conde Swithin contratara uma companhia itinerante de atores, e naquele instante montavam uma plataforma elevada junto a uma das longas paredes do grande salão, por baixo do quadro da crucificação. Enquanto Margery observava a montagem, Lady Brecknock, a seu lado, fazia o mesmo. De trinta e muitos anos, atraente e com um sorriso caloroso, Susannah Brecknock era prima do conde Swithin e visitava frequentemente Kingsbridge, onde possuía casa. Margery já a conhecia e achava-a amigável, sem ser demasiado afetada.

O palco era feito de tábuas colocadas em cima de barris. Margery comentou: — Parece um pouco instável.

— Foi o que eu pensei! — exclamou Susannah.

— Sabeis o que vão representar?

— A vida de Maria Madalena.

— Ah! — Maria Madalena era a santa padroeira das prostitutas. Os padres emendavam sempre, dizendo «Prostitutas arrependidas», mas isso não tornava a santa menos curiosa. — Mas como é que o conseguem? Os atores são todos homens.

— Nunca assististe a uma representação?

— Não desta maneira, com um palco e atores de profissão. Vi apenas procissões e desfiles.

— As personagens femininas são sempre representadas por homens. As mulheres não são autorizadas a atuar.

— Por que razão?

— Oh, suponho que é porque somos seres inferiores, fisicamente fracas e intelectualmente débeis.

Estava a ser sarcástica. Margery gostava de Susannah pela forma direta como falava. A maioria dos adultos respondia a perguntas embaraçosas com lugares-comuns sem sentido, mas podia confiar-se em

como ela dizia a verdade. Margery sentiu-se encorajada a perguntar o que lhe ia no pensamento e inquiriu abruptamente: — Forçaram-vos a casar com Lorde Brecknock?

Susannah arqueou as sobrancelhas.

Margery percebeu de imediato que fora longe de mais. Apressou-se a dizer: — Desculpai-me, não tenho direito a fazer-vos uma tal pergunta, por favor, desculpai-me. — Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas.

Susannah encolheu os ombros. — É certo que não tens direito a fazer-me tal pergunta, mas não me esqueci de como era ter quinze anos. — Baixou o tom de voz. — Com quem é que querem que te cases?

— Com o Bart Shiring.

— Ah, Deus meu, coitada de ti — proferiu, embora Bart fosse seu primo em segundo grau. O tom de compaixão fez Margery sentir mais pena de si mesma. Susannah ficou um minuto a pensar. — Não é segredo que o meu casamento foi arranjado, mas ninguém me forçou — disse. — Conheci-o e gostei dele.

— Amais o vosso marido?

Ela teve mais um momento de hesitação, e Margery percebeu que se sentia dividida entre a discrição e a compaixão. — Não devia responder-te a isso.

— Não, claro que não, perdoai-me... de novo.

— Mas percebo que estejas a sofrer, portanto vou-te contar, desde que me prometas nunca repetir o que te vou dizer.

— Prometo.

— Eu e o Brecknock somos amigos — declarou. — É bondoso comigo, e faço tudo para lhe agradar. E temos quatro filhos maravilhosos. Sou feliz. — Fez uma pausa, e Margery continuou à espera da resposta à pergunta que lhe fizera. Por fim, Susannah disse: — Mas sei que existe um outro tipo de felicidade, o êxtase louco de adorar alguém e de ser adorada por essa pessoa.

— Sim! — Margery estava muito feliz por Susannah a entender.

— Essa alegria muito especial não nos é concedida a todos — acrescentou solenemente.

— Mas devia ser! — Margery não concebia a ideia de que fosse negado o amor a alguém.

Por um instante, Susannah pareceu desolada. — Talvez — disse baixinho. — Talvez.

Olhando por cima do ombro de Susannah, Margery viu Ned a aproximar-se no seu gibão francês de tom verde. A outra seguiu-lhe o olhar. Intuitivamente perguntou: — O Ned Willard é aquele que queres?

— É.

— Boa escolha. É simpático.

— É maravilhoso.

Susannah esboçou um sorriso com um laivo de tristeza. — Espero que dê certo.

Ned fez-lhe uma vénia, e ela baixou a cabeça num cumprimento, mas afastou-se.

Os atores estavam a pendurar uma cortina num dos cantos da sala. Margery perguntou a Ned: — Para que será, sabes?

— Hão de vestir os fatos atrás da cortina, suponho. — Baixando a voz, perguntou: — Quando é que podemos falar? Não posso esperar muito mais.

— O jogo está quase a começar. Segue-me.

O escrivão de Philbert Cobley, Donal Gloster, um rapaz bem-parecido, foi o escolhido para «caçador». Tinha cabelo negro ondulado e um rosto sensual. Não atraía especialmente Margery — que o achava demasiado fraco —, mas várias das raparigas estariam desejosas de serem descobertas por ele, disso ela estava certa.

New Castle era o local perfeito para aquele jogo. Possuía mais esconderijos secretos que a toca de um coelho. As áreas em que a mansão nova pegava com o velho castelo eram particularmente ricas em armários estranhos, escadas inesperadas, nichos e divisões de formas irregulares. Era uma brincadeira de crianças, e em pequena Margery interrogara-se por que motivo os jovens de dezanove anos gostavam tanto de participar. Percebia agora que o jogo era uma oportunidade para os adolescentes se beijarem e acariciarem.

Donal fechou os olhos e começou a dizer o padre-nosso em latim, enquanto todos os jovens desapareciam para se esconderem.

Margery já sabia para onde iria, pois havia explorado previamente os locais de esconderijo, uma vez que queria saber exatamente onde haveria um sítio privado para conversar com Ned. Saiu do salão e apressou-se ao longo de um corredor que levava às divisões do antigo castelo, confiando que Ned a seguiria. Passou por uma porta ao fundo do corredor.

Olhou para trás e viu Ned — e, infelizmente, vários outros. Era uma maçada: queria-o só para ela.

Atravessou um pequeno depósito e, a correr, subiu uma escada de caracol com degraus de pedra e desceu um pequeno lanço. Ainda conseguia ouvir os outros atrás de si, mas eles não a viam. Virou para um corredor que sabia não ter saída, iluminado por uma única vela num suporte da parede. A meio do corredor havia uma lareira enorme: o antigo forno medieval do pão, havia muito em desuso, cuja chaminé fora destruída aquando da construção da nova mansão. Ao lado da lareira, escondida por um esteio de pedra, estava a porta que levava ao

enorme forno, virtualmente invisível na penumbra. Margery enfiou-se pelo forno, levantando as saias. Nas suas explorações prévias reparara que estava surpreendentemente limpo. Encostou a porta e ficou a espreitar pela frincha.

Ned avançava pelo corredor, seguido de perto por Bart e depois pela bonita Ruth Cobby, que devia andar de olho em Bart. Margery resmungou, frustrada. Como conseguiria separar Ned dos outros?

Eles passaram pelo forno sem ver a porta. Um instante mais tarde, tendo chegado ao fim do corredor sem saída, regressaram pela ordem inversa: primeiro Ruth, depois Bart e por fim Ned.

Margery viu nisso a sua oportunidade.

Bart e Ruth desapareceram da vista, e Margery chamou: — Ned!

Ele parou e olhou em volta, perplexo.

Ela abriu a porta do forno. — Aqui!

Não foi preciso dizer-lhe de novo. Enfiou-se lá dentro, e ela fechou a porta.

Estava escuro como breu, mas estavam deitados de frente um para o outro muito juntos, e Margery sentia todo o corpo dele. Ele beijou-a.

Ela correspondeu avidamente. O que quer que acontecesse, ele ainda a amava, e naquele instante era tudo o que lhe importava. Receava que ele a tivesse esquecido em Calais. Pensara que haveria de conhecer raparigas francesas mais sofisticadas e excitantes do que a pequena Marge Fitzgerald de Kingsbridge. Mas não fora assim, percebeu-o pela maneira como ele a abraçou e beijou e acariciou. Exultante, agarrou-lhe a cabeça entre as mãos, abriu a boca à língua dele e arqueou o corpo contra o dele.

Ele rolou para cima dela. Nesse momento, ter-lhe-ia oferecido o corpo de bom grado, deixando-o roubar a sua virgindade. Porém, algo aconteceu. Ouviu-se um baque quando o pé de Ned bateu em alguma coisa, em seguida um ruído que poderia ser um painel de madeira a cair ao chão; e de súbito a escuridão desapareceu, e ela passou a ver as paredes do forno em redor.

Sobressaltaram-se, pararam ambos e olharam para cima. Viram que o fundo do forno tinha desaparecido. Aparentemente estava ligado a um outro local, pouco iluminado, e foi com apreensão que Margery percebeu que poderia haver gente que visse o que ela e Ned estavam a fazer. Sentou-se e olhou pelo buraco.

Não se via ninguém. Avistou uma parede com uma seteira pela qual entrava a luz do final da tarde. Tratava-se de um espaço pequeno atrás do velho forno que tinha sido simplesmente fechado com a construção da nova casa. Não levava a lado algum: o único acesso fazia-se pelo forno. No chão estava um painel de madeira que deveria ter tapado o

buraco até Ned lhe dar um pontapé na sua excitação. Ouviam-se vozes, mas vinham do pátio exterior. A respiração de Margery começou a acalmar-se: não tinham sido vistos.

Atravessou o buraco a rastejar e pôs-se de pé no espaço limitado. Ned seguiu-a. Ambos olharam em volta, maravilhados, e Ned disse: — Podíamos ficar aqui para sempre.

As palavras trouxeram Margery de novo à realidade, e percebeu quão perto tinha estado de cometer um pecado mortal. O desejo quase havia suplantado o seu conceito de bem e de mal. Escapara por sorte.

A sua intenção ao levar Ned àquele sítio fora para falar com ele, não para o beijar. — Ned, eles querem que me case com o Bart Shiring. O que é que vamos fazer? — perguntou.

— Não sei — respondeu ele.

(vii)

Rollo percebeu que Swithin estava bastante embriagado. Esparramado numa cadeira em frente ao palco, o conde segurava um cálice na mão. Uma jovem criada serviu-o de novo, e, enquanto o fazia, o conde agarrou-lhe um seio com a mão esquerda aleijada. A rapariga guinchou de horror e afastou-se repentinamente, entornando o vinho. Swithin deu uma gargalhada.

Um ator entrou no palco e deu início a um prólogo, explicando que, para se poder contar uma história de arrependimento, era necessário primeiro mostrar o pecado e pedindo antecipadamente desculpas pela afronta.

Rollo viu a irmã, Margery, entrar furtivamente na sala, acompanhada por Ned Willard, e franziu o sobrolho numa expressão de desgosto. Apercebeu-se de que se tinham aproveitado do jogo das escondidas para andar juntos e, sem dúvida, fazer toda a espécie de diabruras maliciosas.

Não percebia a irmã. Levava a religião muito a sério, mas fora sempre desobediente. Como é que podia ser? Para Rollo, a essência da religião estava na submissão à autoridade. Esse era o problema com os protestantes: pensavam que podiam tomar decisões por si próprios. Margery, porém, era uma católica devota.

No palco apareceu uma personagem chamada Infidelidade, que se identificava pela braguilha desmesurada que ostentava. O ator piscava o olho e falava com a mão à frente da boca, olhando ora para a esquerda ora para a direita, como se para assegurar-se de que não era escutado por qualquer outra personagem. A assistência ria-se ao reconhecer a versão exagerada de um tipo que todos reconheciam.

Rollo ficara perturbado por causa da conversa com Sir William Cecil, mas começou a pensar que era capaz de ter exagerado.

Provavelmente a princesa Isabel era protestante, mas era demasiado cedo para se preocupar com ela: no fim de contas, a rainha Maria Tudor tinha apenas quarenta e um anos e gozava de boa saúde, com exceção das suas gravidezes imaginárias — poderia continuar a reinar por dezenas de anos.

Maria Madalena entrou no palco. Representava a santa antes do arrependimento, era óbvio. Pavoneava-se num vestido encarnado, remexendo no colar e pestanejando para Infidelidade. Os lábios tinham sido avermelhados com uma espécie de tinta.

Rollo ficou surpreendido, pois não vira mulheres entre os atores. Além disso, e embora nunca tivesse assistido a uma representação, tinha quase a certeza de que as mulheres estavam proibidas de atuar. Aparentemente faziam parte da companhia quatro homens e um rapaz de treze anos. Intrigado, Rollo examinou Maria Madalena, de sobrolho franzido; então ocorreu-lhe que ela tinha a estatura e a constituição do rapaz.

O público começou a perceber, e ouviram-se murmúrios de admiração e de surpresa. Rollo também escutou alguns protestos baixos mas audíveis e, olhando em redor, viu que vinham do canto onde se encontravam Philbert Cobby e a família. Os católicos eram bastante lenientes em relação às representações teatrais desde que contivessem uma mensagem religiosa, mas alguns dos ultraprotestantes desaprovavam-nas. Um rapaz vestido de mulher era o tipo de coisa que os indignava, especialmente se a personagem feminina se comportava de forma sensual. Todos eles apresentavam uma expressão completamente pétrea — com uma exceção, reparou Rollo: o jovem e esperto escrivo de Philbert, Donal Gloster, que se ria com tanta vontade como os demais. Rollo, bem como todos os jovens da cidade, sabia que Donal estava apaixonado pela filha de Philbert, a loura Ruth. Parecia-lhe que Donal era protestante apenas para conquistar Ruth.

No palco, Infidelidade tomou Maria Madalena nos braços e beijou-a longa e lascivamente — o que causou risos, assobios e apupos ruidosos, especialmente por parte dos jovens, que já tinham descoberto que Maria era um rapaz.

Philbert Cobby, contudo, não achava qualquer graça. Era um homem corpulento, baixo mas largo, de cabelo ralo e barba desgrenhada. De rosto vermelho, brandia o punho e gritava qualquer coisa. De início, ninguém lhe prestou atenção, mas, assim que os atores finalmente terminaram o beijo e os risos diminuíram, as pessoas começaram a virar-se para ver de onde provinha a gritaria.

Rollo viu o conde Swithin aperceber-se subitamente da algazarra e parecer irado. «Aí vem o sarilho», pensou o jovem.

Philbert parou de gritar, disse algo às pessoas que o rodeavam e dirigiu-se para a porta. A família foi-lhe na pegada. Rollo viu que Donal os acompanhava, embora parecendo profundamente desiludido.

Swithin ergueu-se da cadeira e caminhou na direção do grupo. — Ficai onde estais! — rugiu. — Não autorizei ninguém a retirar-se.

Os atores interromperam a representação e viraram-se para ver o que se passava entre a assistência, uma troca de papéis que Rollo achou irónica.

Philbert parou, virou-se e gritou para Swithin: — Não ficaremos neste palácio de Sodoma! — E continuou o seu caminho para a porta.

— Protestante presunçoso! — bradou Swithin, correndo em direção a Philbert.

Bart, o seu filho, interpôs-se no caminho de Swithin, erguendo a mão num gesto conciliador, e gritou: — Deixai-os ir, meu pai, que não merecem.

Swithin afastou-o com um valente empurrão e atirou-se sobre Philbert. — Eu mato-vos, pela cruz! — vociferou e, agarrando-o pelo pescoço, começou a estrangulá-lo. Philbert caiu de joelhos, e Swithin curvou-se sobre ele, apertando com cada vez mais força, apesar da mão aleijada.

Toda a gente começou imediatamente aos gritos. Diversos homens e mulheres puxaram pelas mangas de Swithin, tentando libertar Philbert, mas o medo de magoar um conde refreava-os, mesmo sendo alguém predisposto a cometer um crime. Rollo permanecia afastado, pouco lhe importando a vida ou a morte de Philbert.

Ned Willard foi o primeiro a agir com determinação. Com o braço direito, prendeu o pescoço do conde num gancho firme por baixo do queixo e puxou num movimento para cima e para trás. Swithin nada pôde fazer senão recuar e libertar o pescoço de Philbert.

Ned sempre fora assim, recordou Rollo. Mesmo em rapazinho, na escola, sempre lutara ferozmente, pronto a desafiar os rapazes mais velhos, e Rollo vira-se obrigado a dar-lhe umas lições com o feixe de varas de vidoeiro. Depois desenvolvera-se, cresceram-lhe os pés e as mãos; e, apesar de continuar a ser mais baixo que a média, os mais velhos haviam aprendido a respeitar-lhe os punhos.

Agora Ned libertava Swithin e recuava sabiamente, misturando-se entre a multidão. Rugindo de fúria, o conde virou-se em busca do agressor, mas não descobriu quem ele era. Acabaria talvez por descobrir, imaginou Rollo, mas nesse momento já estaria sóbrio.

Philbert levantou-se, esfregando o pescoço, e cambaleou para a porta sem que Swithin se apercebesse.



Bart segurou no braço do pai. — Bebamos outro copo de vinho e assistamos à representação — sugeriu. — Em breve entra em cena a Concupiscência Carnal.

Philbert e o seu grupo chegaram à saída.

Swithin fitou longamente Bart com uma expressão irada. Parecia ter-se esquecido de qual o motivo da sua fúria.

Os Cobley abandonaram o grande salão, e a grande porta de carvalho fechou-se com estrondo atrás deles.

Swithin gritou: — Que a peça continue!

Os atores retomaram a representação.